



## Universidades Lusíada

Morgado, Alice Murteira

### **O comportamento antissocial na adolescência : continuidades e discontinuidades da transgressão à delinquência**

<http://hdl.handle.net/11067/5555>

<https://doi.org/10.34628/0bgj-dn29>

#### **Metadados**

##### **Data de Publicação**

2019

##### **Resumo**

O presente trabalho apresenta um estudo realizado com o propósito de compreender o fenómeno antissocial no contexto do desenvolvimento normativo na adolescência. Através da exploração do papel conjunto da personalidade, competências sociais, ambiente familiar, autoconceito e nível socioeconómico nas tendências antissociais entre adolescentes, procurou-se compreender o indivíduo e a complexa rede de fatores que, em conjunto, contribuem para a explicação do comportamento anti-social na adolescência...

This work compiles a set of studies developed to understand the antisocial phenomenon in the context of normative adolescent development. The aim of this research was to understand individual factors and the complex interplay of factors that jointly contribute to explaining adolescent antisocial behaviour. This was achieved through the exploration of the joint contribution of personality, social skills, family environment, self-concept, and socioeconomic status. The presented studies used data f...

##### **Palavras Chave**

Jovens inadaptados, Adolescentes - Aspectos sociais, Delinquência juvenil

##### **Tipo**

article

##### **Revisão de Pares**

Não

##### **Coleções**

[ULL-IPCE] RPCA, v. 10, n. 2 (2019)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T07:23:01Z com informação proveniente do Repositório

**O COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL  
NA ADOLESCÊNCIA:  
CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES DA TRANSGRESSÃO  
À DELINQUÊNCIA**

**ANTISOCIAL BEHAVIOUR IN ADOLESCENCE:  
CONTINUITIES AND DISCONTINUITIES FROM TRANSGRESSION  
TO DELINQUENCY**

**Alice Murteira Morgado**

*Instituto de Psicologia e Ciências da educação  
Universidade Lusíada - Norte (Porto)*

**Resumo:** O presente trabalho apresenta um estudo realizado com o propósito de compreender o fenómeno antissocial no contexto do desenvolvimento normativo na adolescência. Através da exploração do papel conjunto da personalidade, competências sociais, ambiente familiar, autoconceito e nível socioeconómico nas tendências antissociais entre adolescentes, procurou-se compreender o indivíduo e a complexa rede de fatores que, em conjunto, contribuem para a explicação do comportamento anti-social na adolescência. Os estudos apresentados resultam de duas amostras distintas: uma amostra ocasional de 193 adolescentes, entre o 5º e o 12º ano de escolaridade, e uma amostra ocasional de 121 jovens delinquentes, internados em Centros Educativos. Os resultados sugerem a existência de fatores gerais que explicam a tendência anti-social, desde o desvio normativo na adolescência até à delinquência, mas também evidenciam diferenças assinaláveis entre comportamentos distintos em natureza e grau de gravidade. São, ainda, destacados os papéis diferenciados de fatores mais permeáveis à idade e de fatores com maior grau de estabilidade. Em conclusão, fica evidenciado que o comportamento anti-social na adolescência, em geral, encontra uma grande parte da sua explicação em fatores relacionados com mudanças desenvolvimentais que ocorrem neste estágio de desenvolvimento, havendo, ainda assim, características individuais que colocam determinados indivíduos em maior risco de se envolverem neste tipo de comportamentos. É, pois, fundamental, adotar olhares distintos relativamente a tendências antissociais que se verificam nesta etapa da vida e relativamente à delinquência juvenil de teor mais grave e persistente em adolescentes em condições de particular vulnerabilidade a nível individual, familiar e social.

**Palavras-chave:** Comportamento anti-social; Delinquência; Adolescência; Desenvolvimento.

**Abstract:** This work compiles a set of studies developed to understand the anti-social phenomenon in the context of normative adolescent development. The aim of this research was to understand individual factors and the complex interplay of factors that jointly contribute to explaining adolescent antisocial behaviour. This was achieved through the exploration of the joint contribution of personality, social skills, family environment, self-concept, and socioeconomic status. The presented studies used data from two different samples: a convenience sample of 193 adolescents between the 5<sup>th</sup> and the 12<sup>th</sup> grade; and a convenience sample of 121 delinquent boys who were, at the time of data collection, institutionalised in Educational Centres. Results suggest that there are some general factors accounting for all antisocial behaviour (from normative transgression to delinquency). Nevertheless, there were also remarkable differences between different behaviours in terms of their nature and severity. Likewise, age-related variables and stable variables showed different contributions to antisocial behaviour. In sum, it was possible to conclude that adolescent antisocial behaviour in general can be accounted for by factors related to developmental change, typical of

adolescents. Still, there are some individual characteristics that make some individuals more prone to engage in this type of behaviour. The importance of considering antisocial behaviour from the general population in a different way from juvenile delinquency is highlighted as the latter was considerably more serious, persistent and manifested in adolescents that were especially vulnerable, not just individually, but also with regards to family and social contexts.

**Keywords:** Antisocial behaviour; Delinquency; Adolescence; Development.

## Introdução

O conceito de comportamento antissocial é um conceito abrangente que inclui não só atos criminosos, mas também comportamentos socialmente desviantes que atentam contra normas ou regras sociais estabelecidas, nos quais se incluem comportamentos impulsivos, conflitos com figuras de autoridade, oposição e agressividade (Morizot & Kazemian, 2015). Trata-se, pois, de um fenómeno amplo que se refere a uma considerável variedade de manifestações comportamentais com diferentes níveis de gravidade e consequências muito distintas. Tendo em conta esta definição, os comportamentos delinquentes (na adolescência) e criminosos (na idade adulta), poderão ser entendidos como elementos de uma síndrome mais profunda de comportamento antissocial que tende a ser mais persistente e relativamente estável (Farrington, 2007), já que estão enquadrados no conceito de comportamento antissocial mas assumem tal gravidade que poderão ser punidos na sequência de uma condenação (Morizot & Kazemian, 2015).

Rutter (2010, p.57) sugere que “os estudos desenvolvimentais precisam de se centrar em diferenças individuais e também em determinar continuidades e descontinuidades entre normalidade e doença”. Tal abordagem aplicada ao comportamento anti-social permite estudar as tendências antissociais gerais dos adolescentes, compreendendo se são precursoras de manifestações mais graves com consequências sérias e, por vezes, irreversíveis para as vítimas e para os transgressores ou se a delinquência e a transgressão constituem fenómenos distintos em natureza. Uma importante corrente teórica defende a distinção entre comportamento antissocial limitado à adolescência, com menores con-

seqüências individuais e sociais, e trajetórias de comportamento antisocial mais prolongadas, com início precoce na infância e que resultam em consequências mais graves e persistentes para os sujeitos, vítimas e sociedade (Moffitt, 2006).

Os resultados do Estudo de Cambridge sobre o Desenvolvimento da Delinquência indicam que “os transgressores mais persistentes começam cedo, têm um percurso criminal prolongado e apresentam dificuldades em muitos aspetos das suas vidas” (Farrington, 2008, p. 242). Neste âmbito, Farrington (2004, 2008) refere duas tendências distintas de desenvolvimento da delinquência: tendências antissociais de longo-prazo e ocorrência instantânea de delitos ou outros atos antissociais. A ocorrência repetida de delitos dependerá da interação entre o indivíduo (que tem um certo grau de tendência antissocial) e o meio social, assim como de um processo de tomada de decisão baseado nas oportunidades para a transgressão. As diferenças entre as duas tendências resultam, de acordo com o autor, de processos de motivação (*energizing*), direção e inibição que permitirão ao indivíduo tomar uma decisão relativamente aos comportamentos a desempenhar com base nas oportunidades, processos cognitivos (avaliação de custos/benefícios e da probabilidade de obtenção de diferentes resultados) e nos elencos comportamentais internalizados.

De um modo geral, a literatura aponta para uma relação entre precocidade e gravidade/persistência, considerando que quanto mais cedo começam os comportamentos desviantes maior a gravidade e persistência da trajetória antissocial (Blonigen, 2010; Moffitt, 2006; Patterson & Yorger, 2002). De facto, os problemas que começam mais tardiamente são precedidos por um desenvolvimento adaptativo prévio, que, normativamente, engloba um conjunto de oportunidades para desenvolver competências pró-sociais que protegem os jovens de trajetórias antissociais mais prolongadas.

Neste sentido, o papel da família assume-se como fundamental para o desenvolvimento social, já que é esse o contexto privilegiado para internalização de modelos de relacionamento e para o ensaio das interações sociais desde muito cedo e ao longo de todo o desenvolvimento infantil e adolescente. Com efeito, práticas de gestão familiar como o controlo, a disciplina, a supervisão e a rejeição (Farrington, 2007)

e a qualidade da comunicação e das relações familiares (Laub, Sampson & Sweeten, 2006) têm sido amplamente referidas como fatores de risco para o envolvimento em comportamentos antissociais.

Igualmente relevante é o papel das disposições individuais no comportamento antissocial na adolescência. Relativamente à personalidade, Eysenck (1996) sugere que sujeitos com maior tendência antissocial tendem a obter resultados elevados nos traços de personalidade da sua teoria: extravertido, neuroticismo e psicoticismo; associados, quando em elevado grau, a maior desinibição comportamental, ativação emocional, impulsividade, despreocupação com as consequências das suas ações para com os outros. É, também, reconhecido que a tendência para mostrar altruísmo, simpatia e respeito pelos outros é determinante na prevenção de trajetórias antissociais (Dodge, Coie & Lynam, 2008), enquanto a falta de sensibilidade social e empatia envolve maior risco de comportamentos antissociais (Jolliffe & Farrington, 2004).

As mudanças que ocorrem na adolescência refletem-se também no modo como os adolescentes se percebem e essas percepções influenciam, por sua vez, os comportamentos sociais. Assim, os comportamentos sociais e o autoconceito não só são fundamentais para um desenvolvimento pessoal, social e académico adaptativo (Torregrosa, Ingles & Garcia-Fernandez, 2011), mas também se influenciam mutuamente (Edens, 1999). Efetivamente, um autoconceito positivo tem vindo a revelar-se um fator protetor relativamente ao envolvimento dos adolescentes em comportamentos disruptivos (O'Mara, Marsh, Craven & Debus, 2006), enquanto que o autoconceito negativo sido associado a maiores níveis de agressão e delinquência. (Edens, 1999; Torregrosa et al., 2011).

O objetivo principal deste trabalho foi, neste sentido, o de compreender o comportamento antissocial na adolescência através de uma perspectiva centrada não apenas em aspetos patológicos, mas sobretudo em características desenvolvimentais como as acima descritas, seguindo a proposta de Rutter (2010) acima citada.

Deste modo, para além de explorar diferenças sociodemográficas entre jovens da população geral e jovens delinquentes institucionalizados em Centros Educativos, as hipóteses em estudo foram as seguintes:

- H1: Existem diferenças estatisticamente significativas entre jovens da população geral e jovens delinquentes na tendência antisocial, com os segundos a apresentar resultados mais elevados;
- H2: As diferenças na tendência antissocial entre jovens da população geral e jovens delinquentes são acompanhadas por diferenças estatisticamente significativas nos fatores de risco para a referida tendência, incluindo ambiente familiar, autoconceito, traços de personalidade e competências sociais;
- H3: Os preditores do comportamento antissocial na população geral são os mesmos que os verificados em jovens delinquentes, nomeadamente, ambiente familiar, autoconceito, traços de personalidade e competências sociais.

## **Método - Amostra**

A amostra para o presente estudo foi de cariz ocasional e incluiu dois grupos distintos: um grupo de adolescentes da população geral, a frequentar entre o 5º e o 12º ano de escolaridade, e um segundo grupo composto por adolescentes delinquentes a cumprir medida de internamento em Centros Educativos.

O primeiro grupo, recolhido em 3 escolas da região de Coimbra, foi composto por 193 rapazes entre os 9 e os 17 anos de idade (média = 12.28), a frequentar do 5º ao 12º ano de escolaridade e de nível socioeconómico predominantemente médio (52.8%) a elevado (36.8%). O segundo grupo, recolhido em 5 Centros Educativos de Portugal Continental, foi composto por 121 rapazes entre os 14 e os 20 anos de idade (média = 16.54) a frequentar do 5º ao 9º ano de escolaridade e de nível socioeconómico predominantemente baixo (88.4%), com apenas 9,9% de nível socioeconómico médio.

## **Instrumentos**

As variáveis em estudo foram operacionalizadas e medidas com recurso a um conjunto de questionários de autorresposta, tendo a es-

colha dos instrumentos sido orientada pela robustez das suas características psicométricas e condições de resposta (coletiva e anonimamente).

Assim, as condições sociodemográficas foram avaliadas através de um Questionário Sociodemográfico (QSD) construído para a presente investigação. As características de comportamento foram avaliadas através da escala "antissocial" da versão portuguesa do Youth Self-Report (YSR, Fonseca & Monteiro, 1999), preenchido pelos adolescentes.

A percepção de ambiente familiar foi medida com recurso à versão portuguesa da Escala de Ambiente Familiar (FES, Matos & Fontaine, 1992; 1996), um instrumento composto por 90 itens agrupados em 10 escalas: "coesão", "expressividade", "conflito", "independência", "orientação para o sucesso", "orientação intelectual e cultural", "orientação ativa/recreativa", "ênfase moral e religiosa", "organização" e "controlo". Dada a reduzida consistência interna de algumas escalas, optámos por considerar apenas o resultado global de ambiente familiar composto pelos 90 itens do questionário (cf. Briere & Elliott, 1993), invertendo os itens da escala de conflito para que, a um resultado mais elevado, correspondessem valores mais positivos de ambiente familiar.

Para avaliação das competências sociais foram considerados os fatores "empatia" e "autocontrolo" da versão portuguesa do Questionário de Aptidões Sociais – forma para estudantes (SSQ, Mota, Matos, & Lemos, 2011).

Para medir o autoconceito foi utilizada a versão portuguesa da Escala de Autoconceito de Piers-Harris para Crianças (PHCSCS-2, Veiga, 2006) tendo-se considerado apenas o autoconceito global, resultante da soma dos resultados obtidos em 6 fatores: "aspecto comportamental", "estatuto intelectual e escolar", "aparência e atributos físicos", "ansiedade", "popularidade" e "satisfação e felicidade".

A personalidade foi avaliada com recurso ao Questionário de Personalidade de Eysenck para Crianças – Versão Portuguesa (EPQ-J, Fonseca, 1989), organizados em quatro escalas: "psicoticismo", "extraversão", "neuroticismo" e "mentira".

## Resultados

As duas primeiras hipóteses foram exploradas através de testes T de *Student* para comparação de médias em amostras independentes, cujos resultados se encontram na tabela 1. Como se verifica, todas as diferenças antecipadas foram confirmadas, quer no que diz respeito ao comportamento antissocial, quer no que concerne aos fatores de risco identificados e medidos nos dois grupos.

**Tabela 1** - Teste T de Student – Diferenças entre grupos

Grupo	Variável	Média	D.Padrão	T	P
Pop.Geral	Antissocial	2.39	2.75	-21.02	<0.001
Delinquentes		9.31	4.69		
Pop.Geral	Psicoticismo	2.34	2.64	-12.48	<0.001
Delinquentes		5.79	3.05		
Pop.Geral	Extraversão	15.76	3.00	4.79	<0.001
Delinquentes		14.26	3.41		
Pop.Geral	Neuroticismo	7.92	4.43	-3.52	<0.001
Delinquentes		9.45	3.63		
Pop.Geral	Conf.Social (mentira)	9.46	4,03	6.13	<0.001
Delinquentes		7.02	3.48		
Pop.Geral	Autoconceito	44.54	9.55	5.69	<0.001
Delinquentes		39.16	8.30		
Pop.Geral	Ambiente Familiar	374.24	38.47	6.25	<0.001
Delinquentes		349.19	38.63		
Pop.Geral	Autocontrolo	15.52	3.70	5.46	<0.001
Delinquentes		13.44	3.71		
Pop.Geral	Empatia	17.85	3.16	7.31	<0.001
Delinquentes		15.43	3.41		

A terceira hipótese foi testada através de dois modelos de regressão linear múltipla, no sentido de verificar quais os preditores de comportamento antissocial de cada grupo em estudo. Como se verifica nas tabelas 2. a 5., os preditores do comportamento antissocial no grupo de

delinquentes foram os mesmos que no grupo da população geral com a exceção do autoconceito, que se revelou um preditor significativo apenas para o comportamento antissocial da população geral e do neuroticismo que apenas revelou valor preditivo no grupo de delinquentes. De destacar, ainda, que nas correlações efetuadas, a conformidade social e o ambiente familiar revelaram correlações significativas com a idade na população geral, ao contrário do grupo de delinquentes, no qual não houve correlação significativa de nenhuma variável com a idade.

**Tabela 3** - Correlações (Pearson) – Grupo Delinquentes

	Antissocial	Idade
Anti-social	1	.00
Psicoticismo	.65**	-.04
Extraversão	.13	-.01
Neuroticismo	.35**	.08
Mentira	-.57**	.02
Autoconceito	-.36**	-.05
Amb. Familiar	-.40**	.09
Autocontrolo	-.30**	.18
Empatia	-.18	.12

\*\* p < 0.001 \*p < 0.05

**Tabela 2** - Correlações (Pearson) – População Geral

	Antissocial	Idade
Antissocial	1	.16*
Psicoticismo	.59**	.03
Extraversão	.12	.04
Neuroticismo	.39**	.11
Mentira	-.53**	-.41**
Autoconceito	-.44**	-.14
Amb.Familiar	-.39**	-.17*
Autocontrolo	-.37**	-.12
Empatia	-.27**	.02

\*\* p < 0.001 \*p < 0.05

**Tabela 4** - Modelo de regressão linear múltipla (Stepwise): Pop.Geral

V. Dependente	V. Independente	R	Adj R <sup>2</sup>	F	P	Beta Std.	P
Antissocial	Psicoticismo	.76	.48	41.40	.00	.38	.00
	Mentira					-.26	.00
	Autoconceito					-.14	.03
	Ambiente Familiar					-.14	.03

**Tabela 5** - Modelo de regressão linear múltipla (Stepwise):  
Delinquentes

V. Dependente	V. Independente	R	Adj R <sup>2</sup>	F	P	Beta Std.	P
Antissocial	Psicoticismo	.76	.56	36.65	.00	.44	.00
	Mentira					-.28	.00
	Neuroticismo					.16	.03
	Ambiente Familiar					-.15	.03

## Discussão

Numa primeira análise descritiva à amostra recolhida, ficam evidentes alguns dados importantes relativamente ao grupo de jovens delinquentes institucionalizados em Centros Educativos. Por um lado, a discrepância entre a faixa etária do grupo de delinquentes e o seu nível de escolaridade sugere percursos escolares com diversas retenções que evidenciam um padrão recorrente de insucessos académicos. A este respeito, existe um amplo consenso na literatura quanto à relação entre fraco desempenho académico, atrasos desenvolvimentais e problemas de comportamento (Farrington, 2007; Paterson & Yoerger, 2002; Payne & Welch, 2015; Thornberry & Krohn, 2004). Por outro lado, é igualmente notória a elevada prevalência de um nível socioeconómico baixo no grupo de jovens delinquentes, sugerindo que o comportamento antissocial mais gravoso se encontra mais circunscrito a jovens de meios mais desfavorecidos. Elliott, Dupéré e Leventhal (2015) referem inte-

rações entre fatores de risco individuais e contextos de vida desfavorecidos que poderão explicar as escolhas antissociais dos jovens. Com efeito, é possível que filhos de famílias de baixo estatuto socioeconómico se encontrem expostos a diversos fatores de risco relacionados com esta condição que aumentam a sua probabilidade de se envolverem em condutas antissociais (Pardini, Waller & Hawes, 2015).

No que diz respeito às diferenças entre grupos no comportamento antissocial e nos fatores de risco considerados, foi evidente o resultado significativamente mais elevado no comportamento antissocial no grupo de delinquentes em comparação com o grupo da população geral, como antecipado, o que foi acompanhado por resultados significativamente mais elevados no psicoticismo e neuroticismo e a resultados significativamente mais baixos na extraversão, conformidade social, autoconceito, empatia, autocontrolo e perceção de ambiente familiar, em consonância com a literatura existente.

Também de notar que, ao contrário do verificado no grupo de jovens da população geral, a conformidade social e as perceções de ambiente familiar revelaram-se bastante mais estáveis no grupo de jovens delinquentes, não se correlacionando com a idade. Tal sugere que estes dois fatores de risco, que são significativamente mais negativos nos jovens delinquentes, apresentam maior estabilidade neste grupo de e menor influência dos processos de desenvolvimento normativo na adolescência que se verificam na população geral. Com efeito, é relativamente expectável que, à medida que entram na adolescência, os jovens apresentem menos conformidade social e percebam os seus ambientes familiares de forma mais negativa tendo em conta as tarefas desenvolvimentais deste estágio do ciclo de vida, o que não acontece nos jovens delinquentes.

Quanto aos preditores, ficou evidente que o papel do psicoticismo, da conformidade social e do ambiente familiar, quer no comportamento antissocial verificado na população geral, quer no comportamento antissocial verificado nos jovens delinquentes. Tal como antecipado em estudos anteriores, o psicoticismo parece ser um dos preditores mais robustos do comportamento antissocial, sendo fundamental na identificação de jovens mais vulneráveis. Fica, pois, confirmado o papel inequívoco do comportamento impulsivo e egocêntrico na tendência

antissocial independentemente das suas manifestações e gravidade (Morizot, 2015).

A conformidade com as normas sociais apresentou um papel preditivo no comportamento antissocial em ambos os grupos, sugerindo a existência de conflitos com a autoridade (Moffitt, 1993) e controlos sociais informais baixos (Sampson & Laub, 2005) no comportamento antissocial adolescente, também independentemente das suas manifestações e gravidade. Todavia, apesar de correlacionados, o autocontrolo e a empatia não apresentaram valor preditivo no comportamento antissocial em nenhum dos grupos, sugerindo que, mais do que as competências sociais, propriamente ditas, serão aspetos cognitivos e motivacionais, à semelhança do sugerido por Farrington (2007), que influenciarão as escolhas comportamentais em contexto social.

Também a perceção de ambiente familiar apresentou correlações significativas com a tendência antissocial em ambas as amostras estudadas, constituindo um preditor importante, o que demonstra o papel imprescindível das perceções de harmonia familiar nas transgressões sociais mais e menos graves durante a adolescência. Apesar da ideia de que este contexto de desenvolvimento é relegado para segundo plano durante a adolescência (com a primazia do grupo de pares), fica evidenciado o impacto significativo da família nas escolhas comportamentais durante a adolescência (e.g. Pardini et al., 2015; Patterson & Yoerger, 2002), destacando-se a importância do envolvimento da família e do seu papel, para além da infância, no desenvolvimento social adaptativo dos filhos.

O autoconceito revelou-se um preditor importante apenas para o primeiro grupo, o que sugere que as perceções que os jovens da população geral têm de si próprios são fundamentais na determinação das suas escolhas comportamentais. Tal não se aplicou aos jovens delinquentes, possivelmente dados os resultados consistentemente e significativamente mais baixos ao nível do autoconceito verificados neste grupo. Também o neuroticismo apresentou um papel preditivo nos comportamentos antissociais de jovens delinquentes, mas não nos comportamentos da população geral. É possível que algumas das suas características estejam patentes em outras variáveis explicativas do comportamento antissocial (como é o caso da instabilidade, falta de

ponderação e rápida ativação emocional no psicoticismo) e, em jovens com comportamentos antissociais de menor gravidade, os resultados de neuroticismo não apresentem valor preditivo tão destacado.

## **Conclusão**

Globalmente, verifica-se a presença de alguns fatores comuns ao comportamento antissocial verificado nos adolescentes em geral e ao comportamento delinquente de jovens a cumprir medida tutelar educativa que indica a existência de uma tendência antissocial com diferentes níveis de gravidade e conseqüências. Como já referido, algumas mudanças normativas verificadas na adolescência poderão contribuir para a explicação do comportamento antissocial neste estágio de desenvolvimento, como é o caso da menor conformidade social e de um ambiente familiar mais negativo. Com efeito, atos de provocação para com figuras de autoridade, que potenciem uma aparência de maioridade e a adoção de comportamentos de risco poderão afigurar-se particularmente atrativos neste estágio de desenvolvimento (Moffitt, 1993), sendo reforçados pelos pares como socialmente aceitáveis, relegando para segundo plano o respeito pelas normas generalizadas da sociedade e podendo verificar-se na sequência da menor supervisão e comunicação familiar (Patterson & Yoerger, 2002). O mesmo não se verifica nos jovens delinquentes, nos quais estas variáveis não apresentam as mesmas variações de acordo com a idade, revelando disposições e percepções bastante distintas daquelas que caracterizam o desenvolvimento normativo.

Independentemente da importância reconhecida de outras variáveis que definem as experiências dos adolescentes e as suas motivações (como é o caso do grupo de pares), os resultados permitem-nos anteciper que uma abordagem centrada no indivíduo, que apresenta vantagens logísticas, económicas e temporais, poderá ser eficaz, pelo menos a nível primário e secundário, ou seja, em comportamentos antissociais verificados nos adolescentes da população geral. Apesar da existência de fatores externos passíveis de promover ou desencorajar determinadas manifestações antissociais, as disposições, percepções, e motivações para aceitar ou recusar determinadas escolhas comportamentais residem, em última análise, no indivíduo.

A outro nível, em jovens delinquentes, a prevalência assinalável de nível socioeconómico baixo e o insucesso escolar verificada na amostra estudada, chama a atenção para a importância de intervenções mais exaustivas e complexas que incluam outras dimensões da vida dos adolescentes. Com efeito, nestes casos extremos de tendência antissocial, para além das características individuais, surgem importantes aspetos contextuais que poderão determinar a manutenção ou desistência nas trajetórias desviantes.

O presente estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente o facto de ambos os grupos estudados decorrerem de amostras ocasionais e, como tal, não necessariamente representativas das populações respetivas. Foi, também, impossível realizar análises comparativas de género já que, para além de a população feminina institucionalizada em Centros Educativos ser significativamente mais reduzida que a masculina, as instituições que acolhem raparigas delinquentes não deram o seu consentimento para a participação na investigação a que corresponde este trabalho. Acresce, ainda, o facto de os jovens delinquentes se encontrarem num ambiente fechado com limitações significativas na sua vida diária e longe dos seus contextos de vida habituais, o que poderá, de algum modo, ter influenciado os seus resultados.

Não obstante, a análise descritiva dos dados sociodemográficos dos dois grupos em estudo conjugada com a robustez dos resultados inferenciais apresentados permite alguma confiança nas conclusões apresentadas. Fica, pois, evidenciado que, na amostra estudada, o comportamento antissocial na adolescência, em geral, encontra uma grande parte da sua explicação em fatores relacionados com mudanças desenvolvimentais que ocorrem neste estágio de desenvolvimento, havendo, ainda assim, características individuais que colocam determinados indivíduos em maior risco de se envolverem neste tipo de comportamentos. É, pois, fundamental, adotar olhares distintos relativamente a tendências antissociais que se verificam na adolescência e relativamente à delinquência juvenil de teor mais grave e persistente em adolescentes em condições de particular vulnerabilidade a nível individual, familiar e social.

## Referências

- Blonigen, D.M., Littlefield, A.K, Hicks, B.M., & Sher, K.J. (2010). Course of antisocial behavior during emerging adulthood: Developmental differences in personality. *Journal of Research in Personality, 44*, 729-733. Doi: 10.1016/j.jrp.2010.08.008
- Briere, J., & Elliott, D.M. (1993). Sexual abuse, family environment, and psychological symptoms: On the validity of statistical control. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 61*(2). 284-288. doi: 10.1037/0022-006X.61.2.284
- Dodge, K.A., Coie, J.D., & Lynam, D. (2008). Aggression and antisocial behavior in youth. In W. Damon, & R. M. Lerner, *Child and adolescent development: An advanced course* (pp.437-472). Hoboken, N.J.: Wiley.
- Edens, J.F. (1999). Aggressive children's self systems and the quality of their relationships with significant others. *Aggression and Violent Behavior, 4*(2), 151-177. doi: 10.1016/S1359-1789(97)00050-5
- Elliott, M.C., Dupéré, V., & Leventhal, T. (2015). Neighborhood context and the development of criminal and antisocial behavior. In J. Morizot & L. Kazemian (Eds.), *The development of criminal and antisocial behaviour* (pp. 253-265). Switzerland: Springer. doi: 10.1007/978-3-319-08720-7\_16
- Eysenck, H. J. (1996). Personality and crime: Where do we stand?. *Psychology Crime and Law, 2*, 143-152. doi: 10.1080/10683169608409773
- Farrington, D.P. (2004). O estudo do desenvolvimento da delinquência de Cambridge: Principais resultados dos primeiros 40 anos. In A.C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 73-132). Coimbra: Almedina.
- Farrington, D.P. (2007). Origins of violent behavior over the life span. In D.J. Flannery, Vazsonyi, A.T., & Waldman, I.D. (eds.), *The Cambridge handbook of violent behavior and aggression* (pp. 19-48). New York: Cambridge University Press. doi: 10.1017/CBO9780511816840.003
- Farrington, D.P. (2008). O desenvolvimento do comportamento criminoso e anti social da infância à idade adulta. In A. Matos, C. Vieira, S. Nogueira, J. Boavida, & L. Alcoforado (Eds.), *A maldade humana: Fatalidade ou educação?* (pp.221-245). Coimbra: Almedina.
- Fonseca, A.C. (1989). Estudo intercultural da personalidade: Comparação de crianças portuguesas e inglesas no EPQ-Júnior [Intercultural study of personality: Comparison between Portuguese and English children]. *Revista Portuguesa de Pedagogia, 23*, 323-345.
- Fonseca, A.C., & Monteiro, C.M. (1999). Um inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes: O Youth Self Report de Achenbach. *Psychologica, 21*, 79-96.
- Jolliffe, D., & Farrington, D.P. (2004). Empathy and offending: A systematic review and meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior, 9*, 441-476. doi: 10.1016/j.avb.2003.03.001

- Laub, J.H., Sampson, R.J., & Sweeten, G.A. (2006). Assessing Sampson and Laub's life course theory of crime. In F.T. Cullen, J. P. Wright, & K.R. Blevins, *Taking stock: the status of criminological theory* (pp. 313-333). New Brunswick, N.J.: Transaction Publishers.
- Matos, P.M., & Fontaine, M. (1996). *Family environment scale – FES. Adaptação portuguesa*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Moffitt, T.E. (1993). Adolescence-limited and life-course persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674-701. <http://psycnet.apa.org/journals/rev/100/4/674/>
- Moffitt, T.E. (2006). A review of research on the taxonomy of life-course persistent versus adolescence-limited antisocial behavior. In F.T. Cullen, J.P. Wright, & K.R. Blevins, *Taking stock: the status of criminological theory* (pp. 277-311). New Brunswick, N.J.: Transaction Publishers. doi: 10.1017/CBO9780511816840.004
- Morizot, J. & Kazemian, L. (2015). Introduction: Understanding criminal and antisocial behavior within a developmental and multidisciplinary perspective. In J. Morizot & L. Kazemian (Eds.), *The development of criminal and antisocial behavior* (pp. 1-16). Switzerland: Springer. doi: 10.1007/978-3-319-08720-7\_1
- Morizot, J. (2015). The contribution of temperament and personality traits to criminal and antisocial behavior development and desistance. In J. Morizot & L. Kazemian (Eds.), *The development of criminal and antisocial behaviour* (pp. 137-165). Switzerland: Springer. doi: 10.1007/978-3-319-08720-7\_10
- Mota, C.P., Matos, P.M., & Lemos, M.S. (2011). Psychometric properties of the social skills questionnaire: Portuguese adaptation of the student form (grades 7 to 12). *The Spanish Journal of Psychology*, 14(1), 486-499. doi: 10.5209/rev\_SJOP.2011.v14.n1.44
- O'Mara, A.J., Marsh, H.W., Craven, R.G., & Debus, R.L. (2006). Do self concept interventions make a difference? A synergistic blend of construct validation and meta-analysis. *Educational Psychologist*, 41(3), 181-206. doi: 10.1207/s15326985ep4103\_4
- Pardini, D., Waller, R., & Hawes, S. (2015). Familial influences on the development of serious conduct problems and delinquency. In J. Morizot & L. Kazemian (Eds.), *The development of criminal and antisocial behaviour* (pp. 201-220). Switzerland: Springer. doi: 10.1007/978-3-319-08720-7\_13
- Patterson, G.R., & Yoerger, K. (2002). A developmental model for early and late-onset delinquency. In J.B. Reid, G.R. Patterson, & J. Snyder, *Antisocial behavior in children and adolescents: A developmental analysis and model for intervention* (pp.147-172). Washington, DC: American Psychological Association.
- Payne, A.A., & Welch, K. (2015). How school and education impact the development of criminal and antisocial behavior. In J. Morizot & L. Kazemian (Eds.), *The development of criminal and antisocial behavior* (pp. 237-251). Switzerland: Springer. doi: 10.1007/978-3-319-08720-7\_15
- Rutter, M. (2010). Significados múltiplos de uma perspectiva desenvolvimentista em

- psicopatologia. In A.C. Fonseca (Ed.), *Crianças e adolescentes: Uma abordagem multidisciplinar* (pp. 27-68). Coimbra: Almedina
- Sampson, R.J., & Laub, J.H. (2005). A life course view of the development of crime. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 602, 12-45. doi: 10.1177/0002716205280075
- Thornberry, T.P., & Krohn, M.D. (2004). O desenvolvimento da delinquência: Uma perspectiva interacionista. In A.C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 133-160). Coimbra: Almedina.
- Torregrosa, M.S., Ingles, C.J., & Garcia-Fernandez, J.M. (2011). Aggressive behavior as a predictor of self-concept: A study with a sample of Spanish compulsory secondary education students. *Psychosocial Intervention*, 20(2), 201-212. doi: 10.5093/in-2011v20n2a8
- Veiga, F.H. (2006). Uma nova versão da escala de autoconceito Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHSCS-2). *Psicologia e Educação*, 5(1), 39-48.